

# Educação pelo Exemplo: Soberania e Sustentabilidade Agroecológica na Pousada Guata Porã

## Entrevista com Guilherme Custódio Jorge

*Leading by Example: Sovereignty and Agroecological Sustainability at Pousada Guata Porã – An Interview with Guilherme Custódio Jorge*

**Antonio Pitaguari**

Administrador. Nutricionista. Especialista em Gestão de Aprendizagem. Professor no Centro Universitário Descomplica UniAmérica. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6602-6620>

[antonio.pitaguari@gmail.com](mailto:antonio.pitaguari@gmail.com)

### Palavras-chave

Agroecologia  
Agrofloresta  
Bioconstrução  
Permacultura  
Soberania  
Sustentabilidade

### Keywords

Agroecology  
Agroforestry  
Bioconstruction  
Permaculture  
Sovereignty  
Sustainability

### Resumo:

Esta entrevista apresenta a trajetória pessoal, espiritual e profissional de Guilherme Custódio Jorge que culminou na criação da Pousada Agroecológica Guata Porã, em Foz do Iguaçu. Sua formação na filosofia messiânica, na História e posteriormente na Umbanda contribuiu para uma concepção de espaço que integra espiritualidade, educação, sustentabilidade e convivência com a natureza. Guilherme relata a recuperação ambiental da propriedade, o plantio de milhares de árvores, a preservação das nascentes e o desenvolvimento de práticas de agricultura natural e agroecologia. A Pousada é apresentada não apenas como empreendimento turístico, mas espaço educativo e regenerativo, no qual o exemplo cotidiano busca estimular reflexão sobre modos de vida, alimentação, comunidade e relação com o ambiente. Entre os principais desafios estão a recuperação da autonomia alimentar, a formação de equipes alinhadas à proposta e a construção de cultura mais cooperativa. A entrevista enfatiza, por fim, a integração entre diferentes conhecimentos e tradições e a necessidade de educação pelo exemplo.

### Abstract:

This interview presents the personal, spiritual, and professional journey of Guilherme Custódio Jorge, which culminated in the creation of the Guata Porã Agroecological Inn in Foz do Iguaçu. His background in Messianic philosophy, history, and—subsequently—Umbanda contributed to a vision of space that integrates spirituality, education, sustainability, and harmonious coexistence with nature. Guilherme recounts the property's environmental restoration, the planting of thousands of trees, the preservation of water sources, and the development of natural farming and agroecological practices. The Inn is presented not merely as a tourism venture but as an educational and regenerative space, where daily examples aim to inspire reflection on lifestyles, nutrition, community, and the relationship with the environment. Key challenges include regaining food autonomy, assembling teams aligned with the project's vision, and fostering a more cooperative culture. Finally, the interview emphasizes the integration of diverse forms of knowledge and traditions, as well as the importance of leading by example.

Artigo recebido em: 03.06.2026.

Aprovado para publicação em: 12.08.2026.

## INTRODUÇÃO

***“Existem duas maneiras de criar uma agrofloresta: a certa e a errada, mas ao final a errada também está certa”*** Ernst Götsch

Em agosto de 2023, durante uma atividade promovida pela Associação de Moradores e Amigos da Cognópolis (AMAC), este autor teve a oportunidade de visitar a Pousada Agroecológica Guata Porã (Jorge, 2025; Pasini, 2026). O objetivo do grupo era conhecer experiências relacionadas à qualificação da vida em comunidade, à soberania e à sustentabilidade.

O tour conduzido por Guilherme Custódio Jorge revelou uma experiência singular, envolvendo agricultura sintrópica, bioconstrução, recuperação ambiental e proposta de convivência mais harmônica entre seres humanos e natureza.

Localizada próxima ao Parque Nacional do Iguaçu, a Pousada constitui ambiente de grande diversidade, no qual animais silvestres e domésticos convivem com relativa tranquilidade. Pássaros, borboletas, lagartos, cotias, graxains e outras espécies encontram ali alimento e abrigo, ao lado de vacas, ovelhas, peixes, galinhas e porcos criados na propriedade.

Guata Porã, expressão guarani associada a “belo caminhar”, remete à antiga trilha que conduzia às Cataratas do Rio Iguaçu. A missão atribuída à Pousada é estimular a relação mais harmônica entre ser humano e natureza.

A marcante experiência despertou a ideia desta entrevista, destinada a compartilhar não apenas o trabalho desenvolvido na Pousada, mas também este exemplo de percurso pessoal, material e espiritual de Guilherme, além das concepções que orientaram a construção desse espaço.

A entrevista foi estruturada com breve histórico pessoal do entrevistado, incluindo juventude e filosofia messiânica, história e experiência docente, construção da Pousada Guata Porã, contexto social e espiritual, agricultura e exploração da pousada, integração social e educação pelo exemplo, desafios pessoais e da pousada, visão de futuro, palavras finais e posfácio.

## ENTREVISTA

### JUVENTUDE E FILOSOFIA MESSIÂNICA

Nasci em Maringá. Minha família mudou-se para Foz do Iguaçu quando eu tinha 6 anos e, cerca de três anos depois, fomos morar em São Paulo. Entre os 12 e 13 anos, estudei durante dois anos em um colégio interno na Suíça, próximo a Lausanne, para aprender francês. Desde garoto, me sentia um pouco em dissonância com as pessoas ao redor. Sempre tive necessidade de ampliar horizontes e dificuldade de me adaptar a determinados comportamentos que considerava inadequados. A adolescência foi, por isso, um período complicado.

Comecei a me encontrar melhor por volta dos 18 anos, quando me aproximei da filosofia messiânica. Encontrei ali uma visão espiritualista de mundo que envolvia reencarnação, ensinamentos budistas, ancestralidade, respeito aos antepassados e relação profunda com a própria origem e com aquilo que cada pessoa deve ser ou se tornar.

Na Messiânica cheguei a ser outorgado, passando a ministrar johrei e a trabalhar com a imposição das mãos. Foi experiência importante, porque comecei a perceber uma dimensão da vida que até então não compreendia, relacionada àquilo que eu interpretava como energias e fenômenos invisíveis.

Na época, morava em São Paulo, onde a filosofia messiânica tinha forte presença. Frequentava também o Solo Sagrado de Guarapiranga, espaço ecumênico destinado à contemplação do divino e do belo.

Naquele período, os três pilares que eu estudava eram a verdade, o bem e o belo. A verdade estava relacionada ao conhecimento das leis do mundo e das leis divinas; o bem, à prática da caridade; e o belo, à contemplação da natureza, das flores e daquilo que expressa a perfeição da criação.

Passei a estudar intensamente esses conceitos. Fiz diversos cursos e li praticamente todos os livros da Messiânica, inclusive algumas obras específicas para ministros. Cheguei a ser selecionado como possível ministro, fazendo a formação correspondente.

Na etapa final, entretanto, tive um desentendimento com os dirigentes. Havia pessoas que me procuravam para conversar e pedir orientação, inclusive pessoas passando por dificuldades emocionais e familiares. Eu sentia necessidade de oferecer mais apoio a essas pessoas e questionava a postura dos dirigentes, que, na minha percepção, às vezes tratavam essas dificuldades como parte natural do processo espiritual.

Hoje consigo olhar para aquela experiência de outra maneira. Entendo que determinados processos de sofrimento e desvio também podem fazer parte de um caminho de aprendizagem. Naquele momento, porém, ainda era muito imediatista e queria que as coisas acontecessem e mudassem rapidamente.

Por volta dos 22 ou 23 anos, depois de aproximadamente cinco anos de envolvimento com a filosofia messiânica, eu já tinha acumulado um conhecimento bastante amplo em decorrência de estudo amplo e detalhado.

#### **HISTÓRIA E EXPERIÊNCIA DOCENTE**

O afastamento da Messiânica me deixou, durante algum tempo, inseguro. Não significou abandonar a espiritualidade, mas percebi posteriormente que precisava complementar aquele conhecimento com outra dimensão.

Mudei de São Paulo para Foz do Iguaçu e decidi fazer faculdade. Queria estudar ciência e adquirir conhecimentos mais organizados sobre a materialidade, procurando compreender melhor as coisas que vivenciava.

Comecei o curso de História em Foz do Iguaçu, na Uniamérica, e posteriormente concluí a graduação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis. Tive ali formação que considero bem relevante.

Depois de formado, retornei a Foz com o objetivo de trabalhar como professor de História. Consegui vaga em escola e permaneci aproximadamente um ano dando aulas. Foi experiência interessante, mas também encontrei limitações. Em determinado momento, ao ensinar darwinismo e teoria da evolução, fui informado de que deveria abordar também o criacionismo, em razão de questionamentos de pais de determinada aluna. Como professor de História buscando trabalhar com base científica, eu não concordava com a mistura entre conteúdos científicos e religiosos. Mesmo na disciplina de religião, seria necessário considerar a pluralidade das diferentes concepções criacionistas.

Apesar do carinho que desenvolvi pelos alunos, esse e outros episódios, associados às condições econômicas da profissão, fizeram com que eu deixasse a docência escolar. Mais tarde, entretanto, percebi que

abandonar a escola não significava abandonar a condição de professor. Eu mantinha tal característica muito forte. A diferença é que ela encontraria outro lugar para se manifestar.

### **CONSTRUÇÃO DA POUSADA GUATA PORÃ**

Depois de deixar a docência, pensei inicialmente em montar um camping. O espaço disponível era bonito e organizado, mas precisava de adaptações. Meu pai sugeriu que poderíamos transformá-lo em pousada.

A princípio, achei que não havia condições para isso. Entretanto, conforme fui modificando o espaço, percebi que o projeto poderia funcionar. Com poucos recursos, durante aproximadamente um ano ou um ano e meio, fui fazendo as transformações possíveis.

Comecei pelo básico: recuperação das nascentes e plantio de mudas de árvores, algumas coletadas na Itaipu e no Horto Florestal.

Nosso processo de construção foi bastante incomum. Começamos plantando cerca de 7.500 árvores. Essas escolhas tiveram também influência espiritual, pois sempre tive relação forte com a ancestralidade e com os antepassados. Tenho a convicção de ter recebido apoio espiritual de meu avô, que tinha grande amor por esse espaço.

Depois, fui organizando o terreno. Havia entulho, sujeira, cercas enferrujadas e restos de arame espalhados. Apliquei o princípio que havia aprendido na filosofia messiânica: onde existe sujeira e desordem, é preciso criar condições para a ordem e a harmonia.

Começamos, então, a limpar, organizar e recuperar o fluxo da água. Existiam nascentes abandonadas que formavam brejos e perdiam sua água. Conseguimos centralizar esse fluxo e fazer com que a água percorresse um pequeno arroio que nasce na propriedade.

Durante esse período tive muitos sonhos e experiências que, posteriormente, passei a compreender dentro da perspectiva da Umbanda. Tive, por exemplo, determinado sonho bem nítido quando comecei a construir os caminhos de pedra. Um deles fazia curva e, conforme caminhava, transformava-se em espécie de névoa branca. Em determinado ponto, parecia deixar o plano material e entrar no espiritual, como se fosse um portal.

É interessante porque os caminhos da Pousada foram efetivamente construídos com curvas, algo que também estava relacionado à filosofia messiânica.

A Pousada possui mais de 2 mil metros quadrados de área construída e, graças ao cuidado com a topografia, apenas duas árvores precisaram ser cortadas. Primeiro demarcamos as árvores existentes e, depois, encaixamos os chalés, a recepção e as demais construções no próprio relevo, evitando grandes movimentações de terra.

A construção completa levou aproximadamente seis anos. A primeira fase, concluída em cerca de três anos, incluiu três casas com seis apartamentos. Inicialmente, utilizávamos uma das casas da família para recepção, café da manhã e restaurante. No final de 2017, a recepção definitiva estava pronta, concluindo a etapa essencial do projeto iniciado em 2011.

### **CONTEXTO SOCIAL E ESPIRITUAL**

Ao longo desse período, percebi que havia em mim um profundo descontentamento com a humanidade. Cheguei a imaginar que os problemas sociais precisariam ser resolvidos de maneira extremamente enérgica, inclusive pela força. Eu me tornava cada vez mais radical e reativo. Hoje consigo perceber que estava confrontando justamente aquilo que precisava transformar em mim: a agressividade, o rancor e a descrença na

sociedade. Foi período de grande aprendizado. Percebi que precisava me reconectar com minha espiritualidade e buscar orientação.

Primeiro procurei a Igreja Matriz de Foz do Iguaçu, por minha afinidade com São João Batista. Também retomei o jôhrei na Messiânica. Naquele momento, a Pousada já funcionava, mas eu a administrava praticamente isolado, por meio de câmeras e telefone. Evitava contato com as pessoas. Internamente, tinha pouca disposição para o convívio. Até que, certo dia, senti forte atração por procurar o centro de Umbanda próximo à Rodovia das Cataratas. Entrei no local e passei a frequentá-lo. Isso já dura mais de sete anos.

Logo no início, participei de um ritual de 21 dias que, para mim, mudou a direção da minha vida. A partir daí, continuei frequentando o terreiro regularmente. Durante aproximadamente quatro anos, minha participação era a de assistência, termo usado para quem chega buscando auxílio. O terreiro também possui forte dimensão de acolhimento, com alimentação oferecida gratuitamente aos participantes.

Com o tempo, passei a participar da corrente. Eu permanecia sempre no mesmo lugar durante as giras e posteriormente compreendi, dentro da tradição que estava estudando, que exercia função relacionada ao que se chama de *pé de Exu*, espécie de ponto de descarga e transformação de energias.

Mais tarde, tornei-me pai de santo e tive as primeiras experiências de incorporação. Minha avó já havia sido médium de incorporação, o que também passou a ser compreendido por mim dentro da perspectiva da ancestralidade. Tal experiência me ajudou a compreender melhor a própria Pousada.

Passei a perceber que aquele espaço possuía orientação espiritual que eu mesmo não havia identificado plenamente durante a construção. Pessoas ligadas à meditação, ao yoga e a diferentes tradições espirituais procuravam o local para encontros, retiros e experiências pessoais.

Dentro da minha compreensão, a Pousada passou a assumir uma função regenerativa. Não no sentido de substituir tratamentos médicos ou psicológicos, mas como ambiente capaz de proporcionar contato com a natureza, silêncio, contemplação e reflexão.

A Umbanda também me ensinou a compreender de maneira diferente aquilo que chamo de luz e sombra. Passei a perceber que não se trata simplesmente de condenar uma energia ou pessoa, mas de compreender como determinadas forças podem ser transformadas e direcionadas.

Hoje, dentro do trabalho espiritual, compreendo que aquela agressividade que existia em mim também precisava ser transformada. Eu tinha tendência ao conflito e à destruição. O desafio passou a ser utilizar essa energia de maneira construtiva, a serviço de algo maior. Nesse sentido, minha experiência espiritual não eliminou aquilo que considero energia densa; ensinou-me a trabalhar com ela de outra forma.

Também passei a compreender melhor a relação entre diferentes tradições. Embora tenham linguagens distintas, vejo elementos de convergência entre o cristianismo, a filosofia messiânica, o espiritismo, a Umbanda e outras tradições espirituais. A Pousada acabou se tornando, para mim, um espaço em que essas diferentes dimensões podem se encontrar.

#### **AGRICULTURA E EXPLORAÇÃO DA POUSADA**

A agricultura natural foi uma das grandes referências do meu desenvolvimento pessoal. Desde o início, imaginei a Pousada também como espécie de refúgio, lugar capaz de oferecer alimento e contato com a natureza diante das dificuldades que a humanidade poderá enfrentar. Passei a trabalhar com dois focos principais: a contemplação do belo em um espaço ecológico e a agricultura natural, segundo os fundamentos desenvolvidos por Mokiti Okada.

A ideia da agricultura natural não se limita à produção de alimentos. Ela envolve a mudança na relação do ser humano com o solo, com as plantas, com os animais e com a própria alimentação.

Durante esse processo, passei por muitos enfrentamentos pessoais. Aquilo que considero meu maior defeito, a agressividade, foi sendo confrontado. Hoje vejo esse período como preparação importante. O sofrimento que vivi acabou tendo valor dentro do meu processo de crescimento. Também percebi que as pessoas chegam à Pousada por diferentes motivos. Algumas estabelecem relação profunda com o espaço e permanecem conectadas à proposta; outras têm relação mais material com a hospedagem, que faz parte do próprio processo.

### **INTEGRAÇÃO SOCIAL E EDUCAÇÃO PELO EXEMPLO**

Não me vejo propriamente como proprietário da Pousada. Minha função, para mim, é mais próxima de zelador. Não considero que seja dono da Terra. Entendo que estou cuidando desse espaço durante determinado período da minha vida. Enquanto estiver aqui como zelador, quero que a Pousada mantenha essa conotação espiritual, ambiental e social.

Acredito que precisamos criar espaços capazes de oferecer alternativas diante das crises ambientais e sociais contemporâneas. Questões climáticas, poluição, concentração de riqueza e dificuldades de convivência mostram que precisamos repensar nossos modelos de vida.

É nesse contexto que vejo a Pousada como experiência de integração social. Os tours que realizo constituem formas de desenvolver esse trabalho. Não considero que sejam apenas passeios de educação ambiental. Procuro provocar as pessoas a refletirem sobre suas escolhas e decisões de vida. Muitas vezes alguém vem conhecer o espaço, alguma coisa desperta interiormente e a pessoa retorna depois em busca de mais informação. Uma espécie de integração com a sociedade, quando se demonstra a possibilidade de construir diferentes projetos de vida.

Foi então que percebi que a docência continuava presente em mim. Eu havia deixado a escola, mas continuava sendo professor. Gosto de ensinar, tenho facilidade com a palavra e gosto de provocar reflexão. A espiritualidade acabou me preparando para transformar a própria Pousada em uma escola.

Quem vem aqui, de certa maneira, torna-se meu estudante. O espaço ensina exemplo e pela experiência. O visitante pode observar a natureza, os animais, a agricultura, a construção, a forma de organização do lugar e, principalmente, questionar a própria maneira de viver. Essa é a minha educação pelo exemplo.

### **DESAFIOS PESSOAIS E DA POUSADA**

Meu principal desafio pessoal hoje é eliminar os resíduos de agressividade que ainda aparecem quando sinto que esse espaço ou minha pessoa estão sendo atacados. Aprendi, ao longo do tempo, que muitas situações perdem força quando deixamos de alimentá-las. Todas as vezes que consigo superar determinada reação agressiva e aceitar outra situação sem entrar no conflito, percebo que algo se transforma.

Dentro da filosofia umbandista, também passei a estudar a ideia de forças espirituais desgarradas. Independentemente de como cada pessoa interpreta isso, para mim existe dimensão simbólica importante: aquilo que conduz ao ódio, à destruição e ao afastamento do crescimento humano precisa ser transformado. Essa compreensão também mudou minha maneira de olhar para quem sofre ou age de maneira destrutiva.

Em vez de simplesmente condenar, procuro compreender que a pessoa pode estar presa a um ciclo de sofrimento, rancor ou ignorância. Eu mesmo passei por isso. Se tivesse morrido naquela fase de maior agressividade, talvez carregasse para outro momento aquilo que hoje consegui transformar. A Umbanda me ensinou,

dentro da minha experiência, que o objetivo não é simplesmente combater ou condenar, mas também transformar.

Em relação à Pousada, o grande desafio é encontrar pessoas que compreendam minimamente o significado do espaço. Não quero que seja visto apenas como negócio. É um espaço social, ecológico e espiritual. Os colaboradores não estão aqui apenas para trabalhar e receber um salário. Precisam, dentro do possível, compreender a filosofia da instituição e participar do processo.

Não gosto de controlar excessivamente o trabalho das pessoas. Prefiro observar os resultados. Uma coisa que me alegra é perceber que algumas pessoas chegam inseguras, sem conhecer a própria capacidade, e depois de algum tempo desenvolvem confiança e autonomia. Costumo dizer que elas “ganham asas” e seguem para outros lugares, outras cidades ou outros projetos.

Vejo isso como algo positivo. A Pousada também deve ser um espaço transitório de crescimento. Algumas pessoas, entretanto, permanecem por insegurança, mesmo quando já estão preparadas para seguir novos caminhos. Esse é outro desafio: criar ambiente que permita às pessoas crescerem e, quando chegar o momento, seguirem adiante.

### **VISÃO DE FUTURO**

Ainda tenho projetos não concluídos. A produção de alimentos orgânicos, por exemplo, já teve períodos muito melhores. Chegamos a produzir cerca de 60% dos alimentos servidos no restaurante e no café da manhã. Comprávamos basicamente alguns produtos, como farinha, óleo, sal e açúcar. O restante vinha da própria propriedade.

Essa autonomia alimentar acabou diminuindo. Um dos motivos foi a dificuldade de encontrar pessoas que compreendam a importância desse trabalho e percebam seu papel dentro do espaço. Gostaria de recuperar essa autonomia, não necessariamente para vender os produtos, mas principalmente para alimentar as pessoas que trabalham aqui.

Se temos excesso de abacate, limão ou outros alimentos, por que não compartilhar com os funcionários? E, quando houver produção excedente, também gostaria que esses alimentos fossem destinados a ações de distribuição de refeições e café da manhã para pessoas em situação de rua. Essa dimensão social sempre esteve presente na proposta.

A pousada acabou se tornando a atividade mais prática e economicamente viável do que a produção agrícola, principalmente pela dificuldade de encontrar pessoas dispostas a trabalhar dentro de uma proposta de permacultura e agroecologia. Um problema que percebo é a tendência de cada pessoa cuidar apenas do próprio espaço. Existe pouca disposição para construir uma verdadeira comunidade. A permacultura, porém, pressupõe justamente uma relação comunitária e uma aprendizagem a partir do próprio lugar.

Não podemos simplesmente pegar um modelo desenvolvido no Rio Grande do Sul e reproduzi-lo no Paraná como se as condições fossem idênticas. Existem microclimas diferentes, recursos diferentes e características próprias de cada território. A teoria é importante, mas a prática ensina coisas que não estão nos livros.

Ao longo dos anos, aprendi muito com a implantação efetiva dessas ideias na Pousada. Por isso, acredito que a formação precisa estar associada à experiência concreta. O espaço está aberto para parcerias, cursos e atividades, mas é importante que exista reciprocidade. A proposta não é apenas utilizar a Pousada como cenário para divulgar conhecimentos. É preciso agregar, compartilhar e construir em conjunto. Esse é um dos grandes aprendizados da permacultura: o conhecimento precisa estar inserido no lugar, na comunidade e na prática.

## PALAVRAS FINAIS

Embora exista aparente separação entre nós, acredito que todos estamos interconectados por uma força maior. Cada pessoa percorre caminho diferente de aprendizagem. O problema é quando transformamos essas diferenças em motivo de separação. Poderíamos aprender uns com os outros, aquilo que conheço pode complementar o conhecimento do outro, e aquilo que o outro conhece pode ampliar o meu.

Precisamos começar a buscar mais união. As diferenças de nomenclatura, conceitos e palavras não deveriam ser maiores do que aquilo que queremos realizar como humanidade. Muitas vezes, ficamos presos à ideia de que o nosso discurso é o correto e, por isso, deve prevalecer sobre os demais.

Quando estudamos diferentes filosofias com profundidade, percebemos que as semelhanças são frequentemente maiores do que as diferenças. O problema é que costumamos nos concentrar nas diferenças. Não acredito que precisemos criar grande hierarquia entre as pessoas ou entre as tradições. Precisamos desenvolver posições mais conciliatórias, procurando aquilo que nos permite somar.

Também não me considero o grande criador da Pousada. Seria egocêntrico pensar dessa maneira. Muitas pessoas chegam aqui imaginando que sou uma espécie de guru, alguém que possui todas as respostas. Não me vejo assim. Sinto que trabalho junto com a espiritualidade e permito que ela se manifeste através de mim. Acredito que qualquer pessoa poderia fazer algo semelhante, desde que respeitasse sua ancestralidade e aquilo que considera o núcleo essencial da espiritualidade. Para mim, existe força única e universal que rege e fornece energia a tudo aquilo que está vivo.

Como historiador, também aprendi que a humanidade sempre criou diferentes formas de organizar esse conhecimento. O problema surge quando uma tradição acredita possuir exclusivamente a verdade e passa a utilizar essa posição para separar as pessoas. Precisamos aprender a trabalhar juntos, inclusive em escala regional. Ainda temos dificuldades para estabelecer esse diálogo, porque estamos vivendo um processo de desagregação.

Mas não devemos adotar uma visão pessimista. Mesmo diante dos problemas ambientais, das queimadas, da poluição e das transformações climáticas, precisamos aprender a enxergar aquilo que continua vivo. É preciso saber enxergar uma flor nascendo em lugar degradado, ou borboleta atravessando ambiente poluído e continuando seu ciclo de vida.

Talvez essa seja uma das principais lições da Pousada: **aprender a reconhecer a beleza mesmo quando o mundo tanto carece de organização e limpeza.**

## POSFÁCIO

Um dos grandes limites da educação contemporânea, para mim, está na fragmentação do conhecimento. Fomos dividindo a ciência em especialidades cada vez mais específicas. Cada profissional cuida de determinada dimensão e, assim, muitas vezes perdemos a visão do conjunto. A experiência da Pousada mostrou-me que as pessoas podem aprender não apenas conhecimentos técnicos, mas também sobre seu modo de viver, sua relação com a natureza e suas próprias dimensões interiores.

Algumas pessoas que passaram por aqui, inclusive dentro da minha experiência com a Umbanda, começaram a perceber relações entre energia, comportamento, alimentação, ambiente e estilo de vida. A vida é mais complexa do que aquilo que conseguimos dividir em categorias.

Isso também se aplica ao conceito de negócio. Meu pai costumava dizer algo que considero muito significativo: cada grande empresa possui a filosofia e o espírito de seu dono. Se a empresa pensa exclusivamente no lucro, provavelmente a prioridade não será o bem-estar de quem consome seus produtos.

Por isso, considero importante entender qual é o espírito da Guata Porã. Não posso oferecer uma pausa que proporcione bem-estar, crescimento, contemplação do belo e contato com a natureza se eu mesmo não praticar esse espírito.

O que deve prevalecer na Pousada Guata Porã não é simplesmente o foco empresarial, mas uma proposta de vida. O dinheiro é necessário para manter o espaço, mas nunca foi o objetivo principal. O objetivo é criar um lugar onde as pessoas possam caminhar, aprender, contemplar, transformar-se e, quem sabe, sair daqui com novas possibilidades para a própria vida.

Esse é, para mim, o sentido de **educação pelo exemplo**.

## REFERÊNCIAS

JORGE, Guilherme Custódio. **Guata Porã Pousada Agroecológica**. Disponível em: <<https://www.guatapora.com/>>. Acesso em 11.09.2025.

PASINI, Felipe dos Santos. **Agricultura Sintrópica de Ernst Götsch**: história, fundamentos e seu nicho no universo da Agricultura Sustentável. Universidade Federal do Rio de Janeiro *Campus* UFRJ, Macaé Aloísio Teixeira, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Conservação. Disponível em: [https://ppgciac.macaueufrj.br/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es/FELIPE\\_DOS\\_SANTOS\\_PASINI\\_ok.pdf](https://ppgciac.macaueufrj.br/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es/FELIPE_DOS_SANTOS_PASINI_ok.pdf). Acesso em 05.04.2026.

